

Chihuahua, México (Foto: Denis Renó, 2009)



Fotografias picantes: Manuel Alvarez Bravo e Graciela Iturbide

Denis Renó
denis.reno@unesp.br

A poética da fotografia é uma constante construção de estilos, estéticas e olhares. Entretanto, alguns destes olhares se cruzam.

Isso aconteceu no México, entre Manuel Álvarez Bravo e sua discípula Graciela Iturbide. Trataremos sobre os dois no encontro de hoje.

Manuel Álvarez Bravo
Fevereiro/1902
Outubro/2002
Cidade do México



Filho e neto de artistas imagéticos, Manuel Álvarez Bravo começou a ter contato com a fotografia logo cedo. O cenário não podia ser mais propício: o centro histórico da Cidade do México.

Começou a estudar contabilidade, mas logo mudou os estudos para a arte, na *Academia de San Carlos*. Na escola, conheceu Hugo Brehme, um fotógrafo alemão nascido no México, com quem aprendeu a fotografar.

Na mesma escola, conheceu a fotógrafa italiana Tina Modotti, quem o apresentou a uma comunidade de intelectuais e artistas do México, entre eles o fotógrafo norte-americano Edward Weston, um dos seus incentivadores.

Em 1932, Álvarez Bravo realizou a sua primeira mostra fotográfica individual. No mesmo período, expôs junto a Henri Cartier-Bresson em uma de suas passagens pelo México.

Na mesma época, foi descoberto pelo poeta e teórico do surrealismo, o francês André Breton, quem o definiu como fotógrafo surrealista. Na ocasião, Manuel Álvarez Bravo já se consolidava com uma fotografia artística.

¡Viva México! (Sergei Eisenstein, 1930)



Além da fotografia, atuou no cinema, tendo iniciado na obra ¿Que viva México!, com Sergei Eisenstein (1930). Na sequência, trabalhou com John Ford e José Luiz Buñuel.

Realizou o longa-metragem *Tehuantepec* e os curtas *Los tigres de Coyoacán*, *La vida cotidiana de los perros* e *¿Cuánta será la oscuridad?*.

Em 1973, Manuel Álvarez Bravo doou a sua coleção pessoal de fotografias e câmaras ao Instituto Nacional de Belas Artes. Na mesma época, o governo mexicano comprou 400 fotos para o Museu de Arte Moderna do país.

Manuel Álvarez Bravo é considerado o mais importante fotógrafo mexicano, com uma obra marcada pelo surrealismo e por um olhar geométrico com visível maturidade artística.

Graciela Iturbide
Maio/1942
Cidade do México



Para se reinventar depois de perder prematuramente sua primeira filha, Graciela Iturbide decide matricular-se no Centro Universitario de Estudios Cinematográficos da Universidad Autónoma do México.

Logo cedo, começa a trabalhar como assistente de Manuel Álvarez Bravo, com quem aprende a olhar a fotografia de maneira diferente. Nascia uma discípula.

Após fotografar diversos países da América Latina, Iturbide foi contratada pelo Arquivo Nacional do Instituto Indigenista do México para fotografar a população indígena do país.

Com uma obra marcada por uma fotografia humanista misturada com a fotografia social, Iturbide desenvolveu diversos projetos sociais em países latino-americanos envolvendo educação comunitária através da fotografia.

Ganhou diversos prêmios internacionais, com destaque ao Prêmio W. Eugene Smith Memorial Foundation (Estados Unidos, 1987), o Grand Prize Mois de la Photo (França, 1988), o Prêmio Hugo Erfurth Award, em Leverkusen (Alemanha, 1989), o Grand Prize Hokkaido (Japão, 1990) e o Premio Nacional de Ciencias y Artes (México, 2008).

Em 2008, recebeu o título de Doutora Honoris Causa em Fotografia pelo Columbia College Chicago. Em 2009, recebeu novo título de Doutora Honoris Causa pelo San Francisco Art Institute.

Segue vivendo na Cidade do México, onde ainda dedica todo o seu tempo à fotografia.

Algumas fotos

Fotopoesia
(Manuel Álvarez Bravo, 2008)

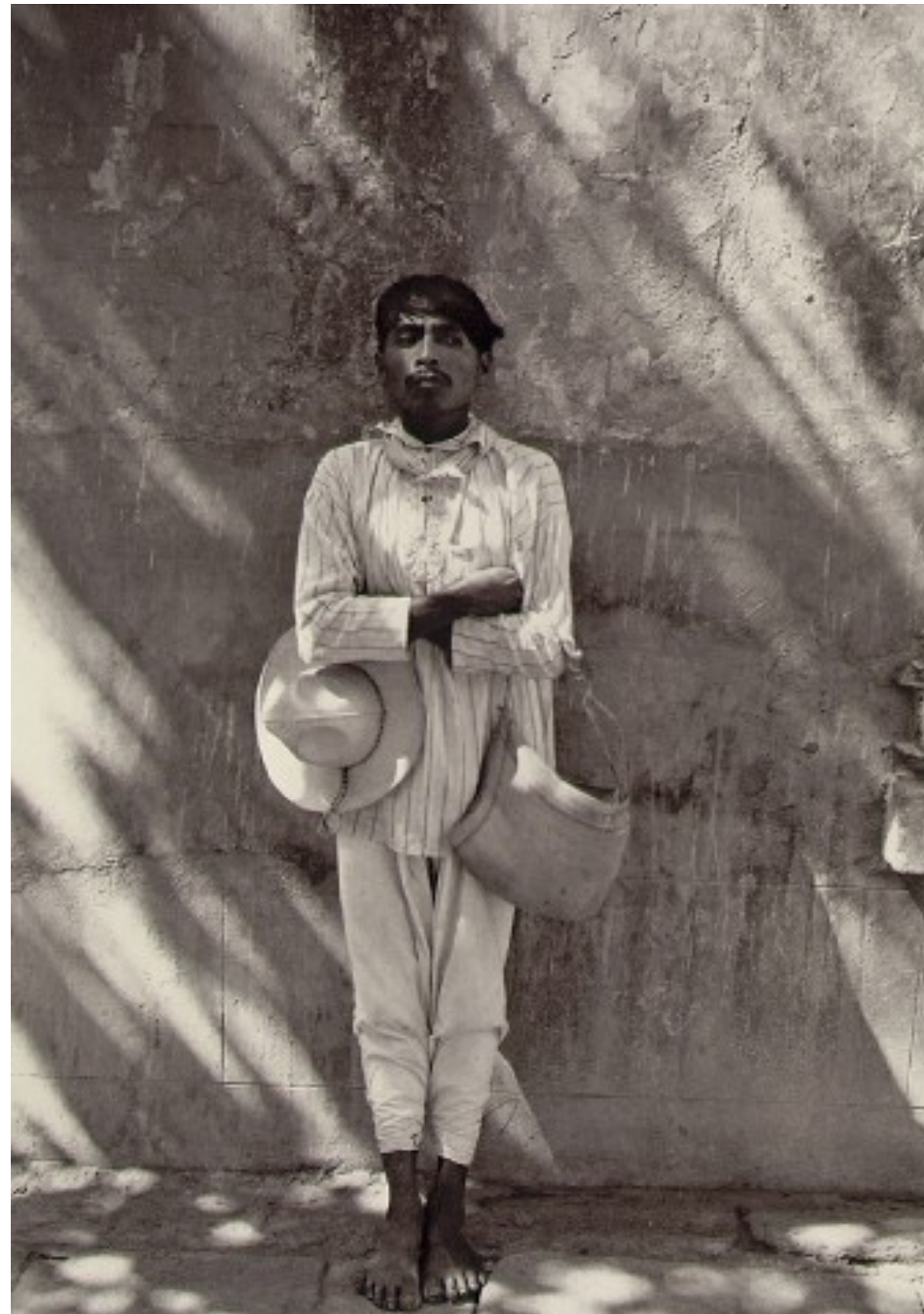


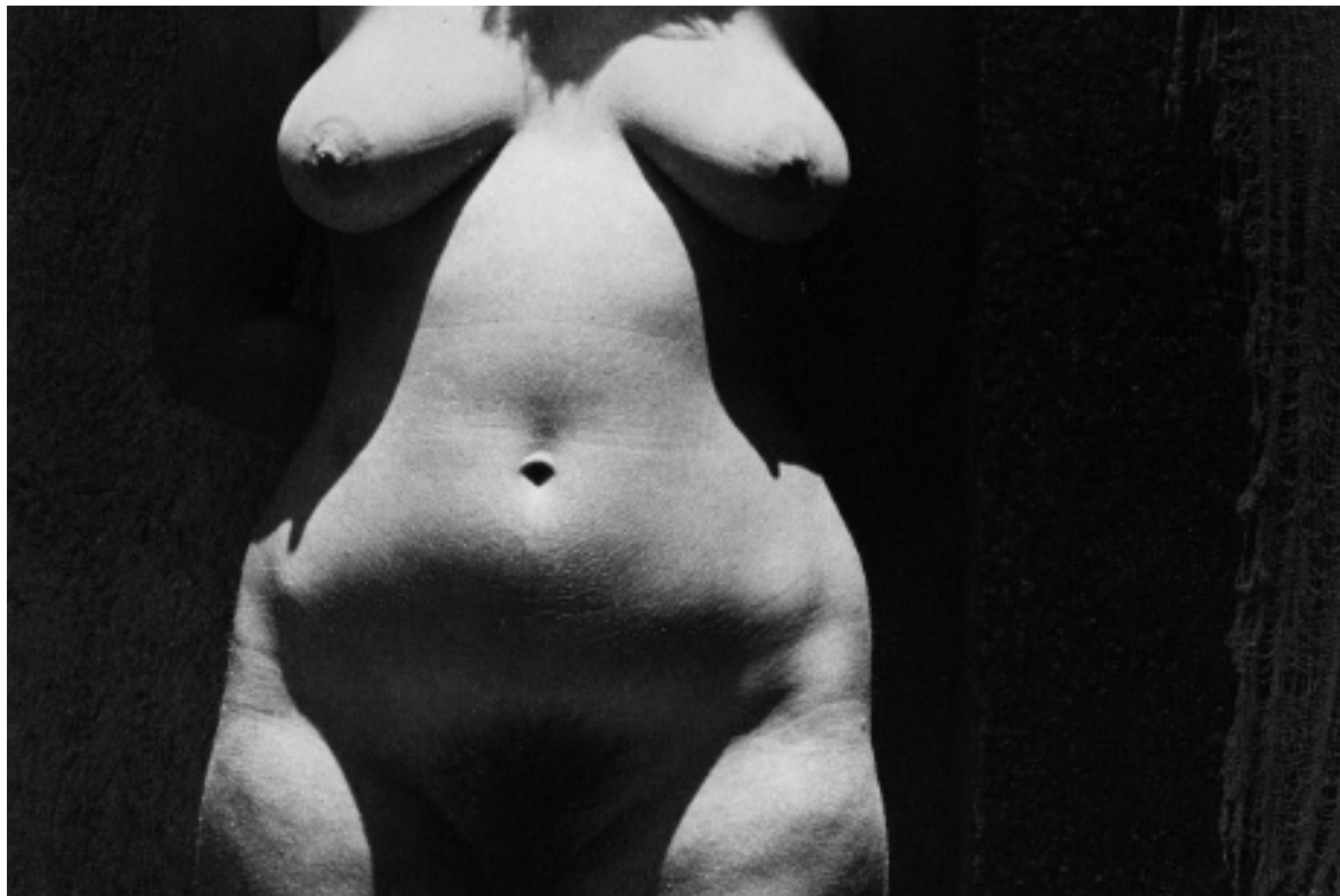












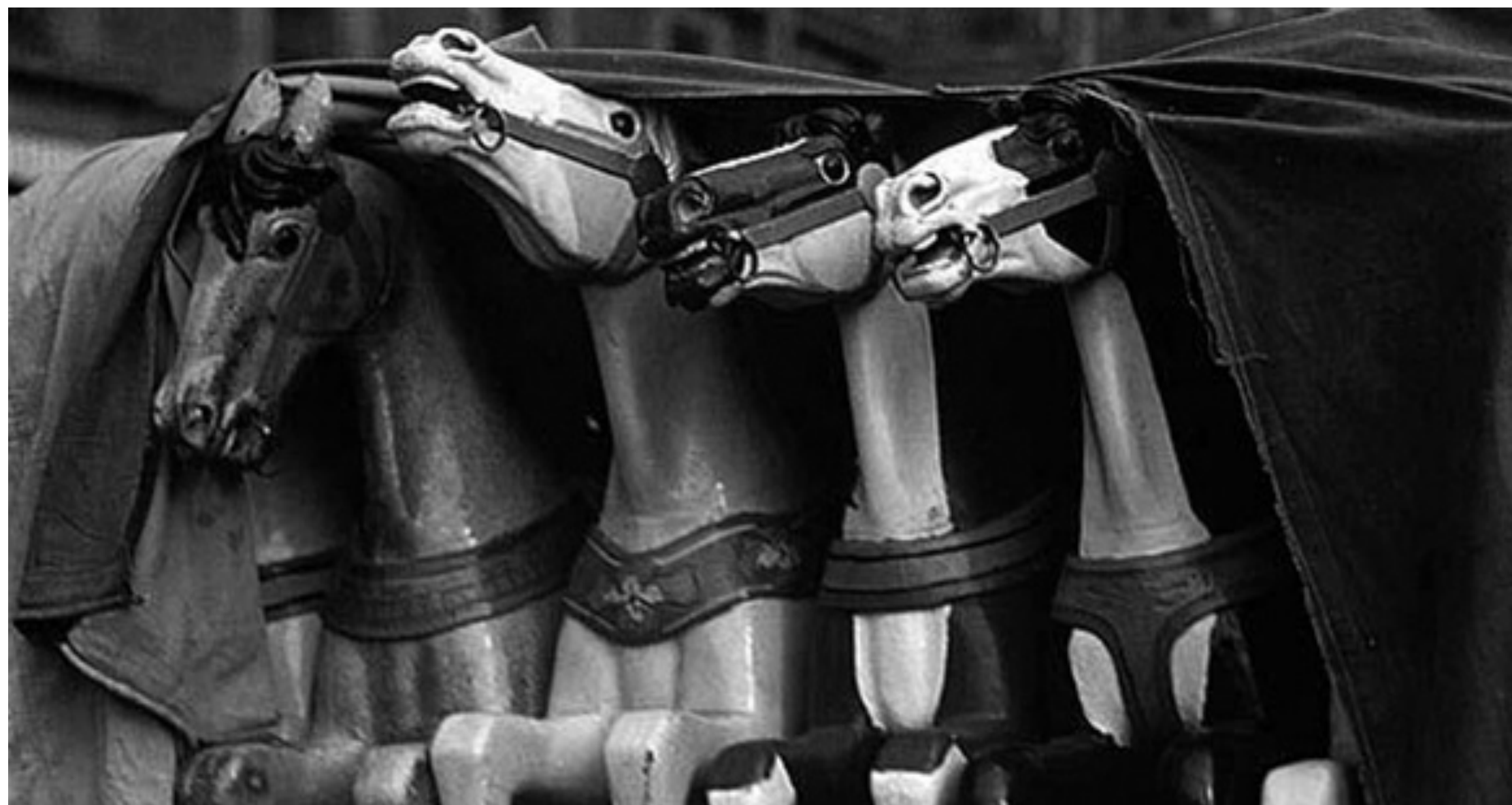








The Grandmother, our Grandmother, 1952



Juchitán
Graciela Iturbide (1979-1989)



















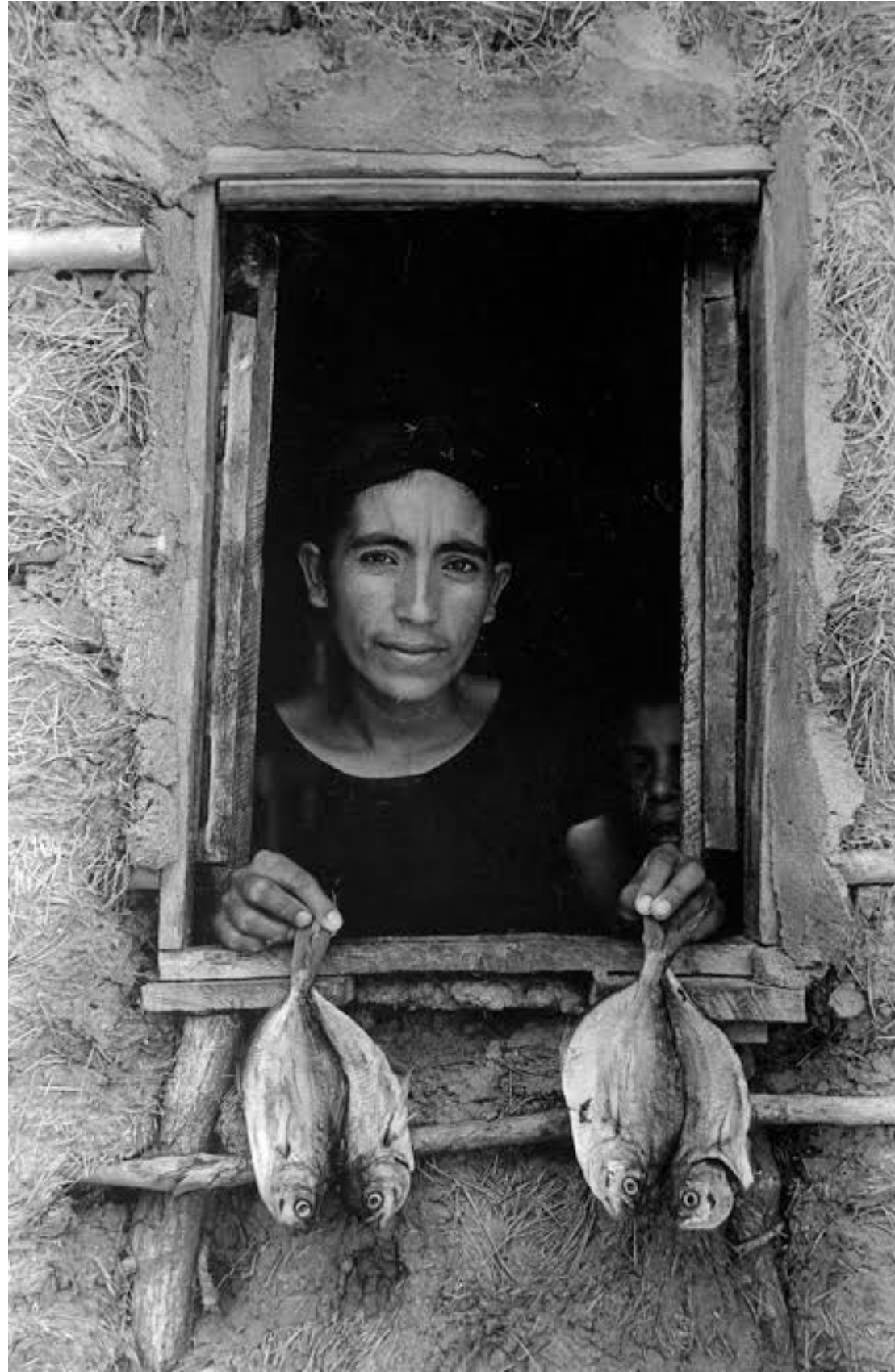














Gracie Stashke















Vamos aos documentários.